

A MORTE E O NADA, O NADA E A MORTE: UMA REFLEXÃO SOBRE A FINITUDE HUMANA EM EPICURO E SARTRE

PORTO, Maria Vera Lúcia Pessoa.¹
PAIVA JUNIOR, José Alves.²

O encontro entre filosofia e morte é tão antigo quanto à existência de ambas. Fato é que, a pergunta sobre o inaudito mistério da finitude da existência, move a filosofia, as religiões e as ciências em busca de respostas para esse fenômeno inevitável à condição humana. O presente estudo possui como objetivo, mais do que oferecer respostas para a pergunta sobre a morte, problematiza-la a partir da aproximação entre a filosofia de Epicuro (341 a. C. – 271 a. C.), e Sartre (1905 – 1980). Para tanto, dá-se especial atenção aos conceitos tratados nas obras “Carta sobre a Felicidade” de Epicuro e “O Ser e o Nada” de Sartre. O parentesco entre o exercício filosófico e a experiência da morte aparece tanto no que fazer filosófico de Epicuro, quanto no existencialismo de Sartre. Em virtude de evidenciar melhor os resultados da pesquisa, inicialmente apresentar-se-á, em linhas gerais, a questão da morte como problema filosófico. Em seguida, serão apresentadas as concepções de Epicuro, para quem a filosofia comporta o dever de tornar feliz a vida do homem sábio. Para que isso aconteça, ela deve retirar todos os tormentos e males que atormentam a vida humana sendo, o mais inquietante deles, a morte; e a de Sartre que, por sua vez, concebe a morte como um acontecimento sem sentido da vida humana. Aliás, para o filósofo francês, esse é um acontecimento de negação, o nada absoluto e absoluto, um evento sem Deus, sem julgamento, sem recompensas e punições eternas. Nas conclusões, procurar-se-á mostrar, à luz da filosofia atomista-materialista de Epicuro, e da filosofia existencialista de Sartre, que a morte aparece como o fato último da existência, porém um fato sem sentido. Logo, a morte não é um ser para o homem, mas o homem é um ser para a morte, uma vez que ela é o fato último da vida, fato que permanece entre e além dos séculos como o segredo desta vida.

Palavras-chave: Finitude da Vida. Epicuro. Sartre.

1 INTRODUÇÃO

A morte sempre ocupou um lugar privilegiado no pensamento humano, se constituindo como um acontecimento que desperta o interesse dos mais sábios, direcionando-se, de modo invariado, até às pessoas mais simples. A tradição filosófica é, por assim dizer, repleta de reflexões e ensinamentos sobre o instigante e, ao mesmo tempo, amedrontador tema da morte.

Não obstante o aspecto amedrontador, paralisante e mesmo aniquilador da morte, muitos foram os poetas que ao longo dos séculos a cantaram. Seja na reflexão dos sábios ou no canto dos poetas, ou mesmo na sabedoria popular, a

¹ Professora Adjunta IV do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: veraluciapessoaporto@gmail.com

² Aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, bolsista CAPES. E-mail: paivajunior19@gmail.com

morte figura, por assim dizer, como que uma certeza da vida, porém uma certeza inaudita, aquela que, em seu íntimo, paradoxalmente, comporta o maior segredo dessa vida.

A pergunta sobre o sentido da morte abre uma infinidade de respostas e interpretações tanto na filosofia, quanto nas ciências, como nas religiões, cada uma dessas buscando a seu modo uma resposta, um entendimento e, em última instância, um consolo para esse fenômeno misterioso e inevitável pertencente a condição humana. Aliás, mais do que isso, pertencendo a condição do vivido, pois tudo o que é vivo morre. O diferencial na morte do ser humano é que ele não morre apenas, mas sabe que morre. O ser humano tem consciência da morte do eu.

Uma coisa é fato, o vivido é feito para acabar, isso nunca vai ter fim. A finitude da vida implica compreender-se na vida como estranha hospedaria, e nós, como passageiros prestes a partir. Em seu sentido filosófico, a morte sempre é entendida ou discutida como finitude ou cessação da existência humana. A consciência da finitude da vida incorpora, como consequência, a reflexão sobre a existência. Noutras palavras, a filosofia se pergunta pela morte, não pelo fato em si e, desse modo, o filosofar sobre a morte implica sempre e de maneiras diversas pensar na vida.

Para algumas religiões, por exemplo, a morte é compreendida como uma passagem para um outro mundo, o fim do ciclo da vida no plano material e início da vida no plano metafísico nos além-mundos. Não obstante, existem ainda aquelas religiões que acreditam na reencarnação, transmigração das almas, etc. Para a sabedoria popular a morte é um fato inexplicável, a marca do estranho destino do ser humano sobre a terra, o mal irremediável que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados. Em última instância, é mistério que emudece o coração, fato que a palavra não alcança (SUASSUNA, 1975, p.113).

A cultura da morte sempre existiu. O medo da morte sempre esteve presente no horizonte da vida humana e de seus questionamentos mais profundos. Sem a morte, é possível que tanto a religião quanto a filosofia não tivessem encontrado o espaço que ocupam ao longo dos séculos na vida do homem. Por esta razão, o presente estudo possui como objetivo, mais do que oferecer respostas para a pergunta sobre a morte, pretende problematizá-la a partir da aproximação entre a filosofia de Epicuro (341 a. C. – 271 a. C.), e Sartre (1905 – 1980). A discussão que dá origem a este estudo apoia-se na filosofia como suporte para a compreensão

sobre o conhecimento da morte como ponto de reflexão sobre a existência do homem.

O parentesco entre o exercício filosófico e a experiência da morte aparece com especial atenção tanto no quefazer filosófico de Epicuro quanto no existencialismo de Sartre. Para Epicuro, a filosofia comporta o dever de tornar feliz a vida do homem sábio. Para tanto, deve retirar todos os tormentos e males que atormentam a vida humana, o mais inquietante deles é a morte. Para Sartre, morte é um acontecimento da vida humana, acontecimento sem sentido. Aliás, um acontecimento de negação o nadificar, o nada absurdo e absoluto, sem Deus, sem julgamento, sem recompensas e punições eternas.

Assim como o nascer, o morrer é um fato. Descobrir o melhor caminho para lidar com esse fato é um desafio que atravessa séculos. Há sentido na morte? Não há sentido na morte? O homem é um ser para a morte e a morte não é um ser para o homem? Eis a questão! Com isso, este estudo apresenta alguns elementos fundamentais daquilo que Epicuro e Sartre pensaram acerca da morte e, também, da existência, uma vez que a pergunta sobre a morte traz como consequência a reflexão sobre a vida, sobre o valor da vida, sobre torna-la eterna no presente.

2 A MORTE COMO PROBLEMA FILOSÓFICO

Desde os pensadores pré-socráticos até os pensadores contemporâneos, a inaudita morte ocupa, por assim dizer, um lugar privilegiado no desenvolvimento do pensamento filosófico. O que é morrer? Por que se morre? Para que se morre? Qual é o sentido da morte para a vida? Seria a morte um fim? São questionamentos que, de um lado, denotam a descoberta da morte como cessação da existência, ou seja, o ocaso da vida; de outro lado, expressam a complexidade da morte enquanto problema filosófico. O encontro entre filosofia, vida e morte é tão antigo quanto à existência de ambas.

Platão afirmou que a filosofia é uma meditação sobre a morte. Toda vida filosófica, escreveu mais tarde Cícero, é uma *commentatio mortis*. Vinte séculos depois, Santayana afirmou que 'uma boa maneira de provar o valor da filosofia consiste em perguntar o que ela pensa acerca da morte'. De acordo com estas opiniões, uma história das formas da 'meditação sobre a morte' poderia coincidir com uma história da filosofia. (FERRATER MORA, 2001, p. 485)

Até que ponto filósofos valeram-se da morte para filosofar e até que ponto a morte encontra luz na filosofia não se sabe. Entretanto, pode-se tirar duas

conclusões da citação acima: a primeira é que a filosofia seria primariamente uma reflexão sobre a morte; a segunda é que o pano de fundo de vários sistemas filosóficos seria constituído pelo problema da morte. A morte assumida como problema filosófico tanto implica conhecer o seu significado, se é que isso seja possível, quando evidencia a importância que tem esse assunto para o desenvolvimento do saber filosófico.

Uma vez evidenciado a relação da morte com a filosofia e/ou como problema filosófico serão elencados, por conseguinte, alguns horizontes de pensamentos pelos quais pode-se entender a “morte”. De acordo com Abbagnano (2007, p. 683) a morte pode, por um lado, ser compreendida como “o falecimento do ser vivo, qualquer que seja, sem referência específica ao ser humano”, ou seja, como o percurso natural na ordem das coisas vividas; por outro lado, pode ser compreendida a partir da relação com a existência humana. Com efeito, “em sua relação específica com a existência humana, a morte pode ser entendida: a) como início de um ciclo de vida; b) como fim de um ciclo de vida; c) como possibilidade existencial”.

Os riscos dessas compreensões residem nos reducionismos: um que encara a morte apenas pelo prisma da desintegração-cessação do orgânico, portanto um fenômeno natural; outro que a restringe apenas à morte humana. Em todo caso, fica evidente que não há na filosofia uma compreensão uniforme acerca da morte. Entretanto, respeitadas as distâncias entre as diferenças e, mais do que isso, as divergências entre os filósofos, não se pode negar que a morte enquanto questão filosófica coloca em pauta o sentido da vida.

A finitude da vida pela morte, seja na concepção orgânica e materialista, seja na concepção humana, é decisiva para a compreensão e a avaliação da vida enquanto o orgânico não se dissolve. É igualmente promotora de uma atenção concentrada sobre o momento presente, para desfrutar dele e para vivê-lo em plena consciência de um fim que pode chegar a qualquer momento ou, por outro lado, em considerando, de forma processual, que o que teve um início, desde o nascimento, visa um perecimento pois, afinal como canta o poeta, “a gente mal nasce, começa a morrer”.

Posta a questão da morte enquanto problema filosófico, acredita-se poder dar mais um passo nesse estudo, com a reflexão específica dos filósofos em questão, a saber, Epicuro e Sartre.

3 EPICURO E A “SENTENÇA” DA MORTE

O sistema filosófico de Epicuro é constituído por uma tríade: a *physiologia*³ ou constituição do universo, a canônica ou teoria do conhecimento e a ética como modo de ser do *sophós*, como critério indispensável para alcançar a almejada saúde do corpo e da alma, ou seja, a felicidade. Por meio da sua concepção atomista-materialista da realidade, ou seja, da física e da lógica, Epicuro pretende compreender e desconstruir os dois maiores temores que impediriam o homem de encontrar a felicidade, a saber, o medo dos deuses e o temor da morte.

[...] Os epicuristas costumam reunir a canônica e a física e chamam a canônica de ciência do critério da verdade e do primeiro princípio, e também doutrina elementar; chamam a física de ciência do nascimento e da morte, e também da natureza; a ética é chamada pelos mesmos de ciência do que deve ser escolhido e rejeitado, e também dos modos de vida e fim supremo. (DIÓGENES LAÉRTIOS, 2008, p. 289)

Cabe ressaltar que a canônica (ou lógica) epicurista tem o objetivo de estabelecer a metodologia para se alcançar a verdade. Para tanto, o critério de determinação da verdade foi dividido em três critérios: as sensações (*aisthesis*), as antecipações (*prolépseis*) e as afecções (*pathè*). Herdeira do atomismo de Demócrito, a *physiologia* de Epicuro descarta qualquer explicação metafísica para a realidade. A física epicurista sustenta que a existência pode ser explicada pelas leis da natureza. O todo, a realidade, os mundos infinitos são constituídos pelo movimento constante dos átomos em meio ao vazio. Tudo nasce daí. A ética, por sua vez, oferece o caminho seguro para a felicidade.

Com a *physiologia* Epicuro coloca, por assim dizer, as bases que fundamentam a sua ética. Nesse sentido, é impossível tratar da morte – tema abordado prioritariamente na sua ética – sem referi-la às concepções que Epicuro elaborou sobre a *physiologia* e a canônica. Todo o sistema filosófico epicureu tem uma finalidade última, que é sua ética, a práxis de um conjunto de preceitos a serem seguidos por todos que buscam a felicidade e a libertação dos tormentos que habitam a mente humana: os temores infundados em opiniões vazias vindas, sobretudo, da religião, que projeta o sentido da vida para além da vida mesma. (SILVA, 1995, p. 140).

³ A *physiologia* é a palavra que Epicuro utiliza para falar do conhecimento da natureza das coisas. A *physiologia* é, por assim dizer, a física da natureza. Alguns comentadores e historiadores quando se referem a *physiologia* utilizam a *phýsis* também traduzida como física.

Essas crenças não nasceram com Epicuro. Quando ele nasceu elas já existiam, continuaram a existir e permanecem até hoje no campo das religiões, projetando o ideal de vida feliz para os além-mundos, um além vida. O pensamento de Epicuro se insurge nesse meio, contra a projeção das crenças vãs, de um projeto de vida para uma vida além da morte, e contra a superstição da responsabilidade dos deuses em relação às escolhas que se fazem na vida. Somente quando liberto do temor dos deuses e da morte o homem pode, de fato, ser feliz.

Em relação aos deuses, Epicuro afirma que eles existem, mas são seres imortais, perfeitos e bem-aventurados. Eles, no entanto, não se misturam às imperfeições e tampouco interferem nas vicissitudes da vida humana. Eles vivem em perfeita serenidade nos extra-mundos, os espaços que separam os mundos. Existem como “exemplo” de perfeição, felicidade e imortalidade. A crença de que eles castigam os maus e recompensam os bons é falsa. Em última instância, os deuses de fato existem, mas deles não há o que temer (EPICURO, 2002, p. 23-25).

Quanto à morte, em sua “Carta a Meneceu” também chamada de “Carta sobre a felicidade”, Epicuro deixa claro que não há por que temê-la. O fato é que, se tudo o que existe é constituído, como foi demonstrado na física, por átomos e vazios, a morte nada mais é, sem mais, do que a dissolução do aglomerado de átomos que constitui o corpo (*sarkós*) e a alma (*psychè*). Não há sentido temer a morte *quicá* haja sentido no próprio fato de morrer. Se é assim, a morte não é ou não devia ser um problema.

A exortação a esse respeito dada por Epicuro na “Carta a Meneceu” nos admoesta o seguinte:

Acostuma-te à idéia de que a morte para nós não é nada, visto que todo o bem e todo o mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. (EPICURO, 2002, p. 27)

Seguindo os passos metodológicos de Markus Silva, em virtude de compreender melhor o que está posto nesta proposição, optou-se por dividi-la em quatro partes segundo a ordem do texto. A primeira sentença da proposição diz: “Acostuma-te à idéia de que a morte para nós não é nada”. Segundo Marcel Conche (*apud* SILVA, 1995, p. 142), a melhor tradução para essa sentença é: “habitua-te a pensar que a morte nada e em relação a nós” (*la mort n’est rien par rapport à nous*).

O fato é que essa, mais do que as outras traduções, evidencia que, em relação ao viver e sentir, a morte não significa absolutamente nada.

A base para essa afirmação está na sua *phýsis* segundo a qual afirma que “a alma (*psychê*), ou aquilo que movimenta o corpo e permite que ele tenha sensações, é corpórea; que com o desfalecimento deixa de existir como (*sómatos*) e tem os seus átomos desagregados” (SILVA, 1995, p. 142). As sensações constituem, por assim dizer, a natureza da sensibilidade. Com efeito, o que se decompõe torna-se insensível e o que é insensível nada é para o vivido, o sensível, portanto, é vazio e sem sentido.

Assim, se corrobora a segunda parte da proposição, a saber, “visto que todo o bem e todo o mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações” (EPICURO, 2002, p. 27). Logo, a morte não é nada e/ou não diz nada em relação a vida. Por que então temer a morte? O temor à morte parece residir na constatação da morte do outro, uma vez que se não há sensibilidade quando se morre e, ademais, a morte é a privação das sensações, os fenômenos da dissolução do corpo só podem, em última instância, ser supostos a partir da morte como fato observado diante de outrem quando este se encontra privado da vida.

Se é assim, é insensato sofrer por antecipação com o medo da morte. Com palavras do autor se considera que “é tolo portanto quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado” (EPICURO, 2002, pp. 27-29). O imaginário da morte sob a força de crenças reside exatamente nesse medo por antecipação ou por experimentação da morte na morte do outro.

A experiência da morte a partir da morte do outro ainda não é morte para o vivente, pois se for morte, o vivente já não é. O que experimenta e ou teme a morte por causa da morte do outro é dotado de sensação, logo se teme a morte, teme um absurdo, o vazio. O que morre já não tem medo da morte, pois ali já não é. “Toda e qualquer relação entre homem e mundo só pode ser sensitiva, porque se parte do pressuposto segundo o qual o homem só é na medida em que sente. [...] Nada se expressa com sentido fora da sensação. Não se pode projetar a vida para além dos limites da sensibilidade”. (SILVA, 1995, p. 142-143)

Como, entender, pois, não a morte dos outros, mas a própria morte? Bem, se a ausência de qualquer sensação significa morte e a morte é, como definiu Epicuro,

a privação das sensações, morrer não pode ser julgado como bem e/ou mal. Bem e mal são afeções do mundo da sensibilidade. Só podem ser sentidos e julgados a partir das sensações do prazer (*hedoné*) e da dor (*álgos* e *lýpe*), associando a ideia do bem ao prazer e do mal a dor. Morrer rescinde as sensações, logo, morrer não é nem bom, nem mal, nem causa prazer, nem devia provocar dor. Pelo menos, não na concepção epicurista.

Com isso, essa exortação de Epicuro vai além uma hipótese razoável que intenta desconstruir o medo da morte. Ao contrário, se insurge contra uma sentença da própria morte. Como assim? Ao dizer que não há sentido na morte, mas na vida, Epicuro “mata” a morte como um mal que interfere na felicidade e abre, por assim dizer, o caminho para a fruição da vida. Por isso, a terceira parte da sentença diz: “A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera”. (EPICURO, 2002, p. 27)

Decretada, então, a “morte” da morte, a finitude da vida passa a ser compreendida como natural e necessária. Com efeito, compreender a finitude da vida como natural e necessária implica empreender um modo de vida que valorize, até as últimas consequências, a vida efêmera. Noutras palavras, impõe uma tarefa à vida, a saber, viver bem, procurando realizar os desejos naturais e necessários à felicidade, procurar viver tranquila e serenamente, livre das perturbações que atemorizam o corpo e a alma.

A vida sábia, tranquila, serena e feliz é condição primordial para não se ter a necessidade de querer atribuir à vida o tempo infinito e/ou o desejo de imortalidade, expressa na quarta parte da sentença principal de Epicuro sobre a morte (EPICURO, 2002, p. 27). Afinal de contas, de que adiantaria uma pessoa viver eternamente e não viver bem? De que adiantaria uma pessoa de tudo fazer para alongar seus dias por medo da morte e esquecer-se de ser feliz na única vida que lhe é possível? Para Epicuro mais vale viver bem do que viver muito.

Ao invés de preocupar-se com a morte, o homem deve preocupar-se em viver, e não viver de qualquer maneira, mas viver feliz, aproveitar e/ou criar possibilidades para tornar a vida algo prazerosa. Por isso, “o sábio nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não viver não é um mal” (EPICURO, 2002, p. 31). A morte não é o pior dos males, o pior dos males é a infelicidade, é viver e não gostar da vida, desprezando-a ou desperdiçando-a com aquilo que é fútil e efêmero.

É válido ressaltar que, em nenhum momento, Epicuro nega o fim da vida, mas se ocupa em demonstrar que esse fim, costumeiramente entendido como o mais terrível de todos os males

[...] não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. (EPICURO, 2002, p. 29).

O que é preciso então para atenuar o medo da morte? Aceitar a vida como possibilidade de realização do ser em toda sua completude e a morte como momento final da vida, porém um momento do qual jamais se terá conhecimento. Temer a morte é lançar-se rumo ao conforto projetado pelas falsas crenças nos extra-mundos, como quem busca um porto seguro, um consolo à morte surda como finitude da vida. No fundo, tal atitude seja uma maneira, talvez inconsciente, de se isentar da responsabilidade de tornar a vida feliz no eterno instante em que se vive.

Desse modo, a concepção epicurista acerca da morte privilegia, não apenas a reflexão acerca do instante último da vida, mas sobretudo do eterno presente como instante do nascer ao entardecer, princípio e fim da vida. Por isso, “Quem aconselha o jovem a viver bem e o velho a morrer bem não passa de um tolo, não só pelo que a vida tem de agradável, mas também porque se deve ter exatamente o mesmo cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer” (EPICURO, 2002, p. 31).

Na perspectiva do pensamento de Epicuro a morte permanece, em última instância, uma questão aberta e inaudita, talvez, o segredo desta vida. No fundo, cada pessoa humana terá que descobrir, ou não, seu próprio caminho, sua própria resposta para a morte que, como diz o poeta, “é tão forte, que mata o gato, o rato e o homem e em algum lugar espera só por ti”. A filosofia de Epicuro acerca da morte constitui-se, como que uma filosofia do desespero ou desesperança – no sentido de não-esperança – ou seja, uma filosofia de concentração na vida e no eterno presente em que existe.

4 SARTRE, A MORTE ENQUANTO ACONTECIMENTO DA VIDA HUMANA

Embora a morte tenha sido considerada aquilo que não se pode determinar ou, mais expressamente, se é possível uma determinação, esta seria a do término final da vida, temos na concepção de Sartre em *O Ser e o Nada*, a noção da morte como “[...] um acontecimento da vida humana” (1999, p. 651). Assim, em Sartre, a morte será refletida como uma porta aberta ao nada, como um acontecimento sem sentido da própria realidade humana:

Desse modo, espera-se recuperar a morte metamorfoseando-a em “morte esperada”. Se, com efeito, o sentido de nossa vida converte-se em expectativa da morte, esta, ao sobrevir, nada mais pode senão colocar sua marca sobre a vida. Infelizmente, são conselhos mais fáceis de dar do que seguir, não por causa de sua fragilidade natural da realidade humana ou de um projeto originário de inautenticidade, mais sim por causa da própria morte. Com efeito, pode-se esperar a morte em particular, mas não a morte (SARTRE, 1999, p. 654).

Pode-se, então, compreender que “[...] não sou livre para morrer, mas sou um livre mortal” (SARTRE, 1999, p. 671), e assim, “Não poderíamos pensar a morte, nem esperá-la, nem nos armarmos contra ela; mas também nossos projetos, enquanto projetos – não devido à nossa cegueira, como diz o cristão, mas por princípio - são independentes dela” (SARTRE, 1999, p. 671).

Por conseguinte, esperamos que haja inúmeras atitudes possíveis frente a este irrealizável “a realizar além do mais”, não cabendo classificá-las em autênticas posto que, justamente, sempre morremos “além do mais” (SARTRE, 1999, p. 671). Por isso, ao considerarmos a morte enquanto espera, segundo Sartre, se constata que a morte, nesse caso, é “nadição de todas as minhas possibilidades, nadição essa que já não mais faz parte de minhas possibilidades” (SARTRE, 1999, p.658).

A morte como fim da vida interioriza-se e humaniza-se; o homem já nada mais pode encontrar senão o humano; já não há mais outro lado da vida, e a morte é um fenômeno humano, fenômeno último da vida, mas ainda vida (SARTRE, 1999, p. 652).

Desse modo, a morte ao se tornar individualizada, torna-se minha, de fato, ninguém pode vir a morrer em meu lugar. Trata-se de um fenômeno da vida pessoal que, conforme Sartre, faz dessa vida uma vida única. Daí estarmos diante de uma vida na qual, ao chegar a morte, não se tem mais uma segunda chance, de tal modo que toda a nossa existência deve fazer sentido. Assim, as nossas escolhas são suscetíveis à própria vida, à própria existência pois, “[...] a morte nada mais revela

senão acerca de nós mesmos, e isso de um ponto de vista humano” (SARTRE, 1999, p. 653).

4.1 “A morte fenômeno último da vida, mas ainda vida”

A morte não é certeza de acontecimento com dia, hora e lugar marcado para vir a acontecer. A morte se encontra enquanto possibilidade de acontecimento, a morte súbita, por exemplo, aquela que não se pode esperar de forma alguma, ademais, sobre este aspecto, afirma Sartre,

Se, por exemplo, espero uma ordem de mobilização militar para a guerra, posso considerar próxima a minha morte, ou seja, admitir que as chances de morte próxima aumentaram consideravelmente; mas é possível que justamente uma conferência internacional esteja sucedendo em segredo neste mesmo momento e tenha encontrado um meio de prolongar a paz. Desse modo, não posso dizer que o minuto que passa esteja me aproximando da morte (SARTRE, 1999, p. 657).

Afirma Sartre, ainda, que a espera da morte só poderia acontecer no caso de se considerar que a morte viesse a ocorrer somente por velhice ou por condenação explícita, mas como não é o caso, a morte se caracteriza enquanto possibilidade de vir ou não ocorrer. Deste modo, considera Sartre que “[...] somente por cegueira ou má-fé podemos esperar uma morte por velhice” (1999, p. 658).

Ademais, se há de convir que, a espera não é propriamente da morte, ao contrário, a nossa vida é que é uma longa espera, senão vejamos, conforme Sartre:

Daí nossa necessidade de esperar por nós mesmos. Nossa vida nada mais é do que uma longa espera: em primeiro lugar, espera pela realização dos nossos fins (estar comprometido em um empreendimento é esperar seu resultado); sobretudo, espera por nós mesmos (ainda que tal empreendimento se realize, ainda que eu tenha sabido como ser amado, como obter tal ou qual honraria, tal ou qual benefício, falta determinar o lugar, o sentido e o valor deste empreendimento em minha vida) (SARTRE, 1999, p. 659).

Desse modo, ao entendermos a morte como possibilidade de vir ou não ocorrer hoje ou amanhã, devemos viver a vida enquanto projeto, de modo a comprometer-se com a vida: “[...] É preciso também considerar nossa vida como constituída não somente de esperas, mas de esperas de esperas que, por sua vez, esperam esperas [...]” (SARTRE, 1999, p. 659).

4.2 Sartre, a morte e a nadificação

A destruição das minhas esperas, dos meus projetos, das minhas escolhas é o sucesso do outro sobre mim mesmo, de modo que, há uma espécie de nadificação de minhas ações do ponto de vista do que posso conseguir, do que posso ser, deixando o outro a apropriar-se de minhas esperas. Isto sim é uma espécie de mortificação, afirma Sartre:

[...] a morte, na medida em que revelar-se a mim, não é apenas nadificação sempre possível dos meus possíveis - nadificação fora de minhas possibilidades - ou somente projeto que destrói todos os projetos e destrói-se a si próprio, a impossível destruição de minhas esperas: ela é o triunfo do ponto de vista do outro sobre o ponto de vista que sou sobre mim mesmo (SARTRE, 1999, p. 662)

Assim, nossa vida enquanto projeto, quando tem sentido, não se deixa deter com o outro que nos encurrala ou elimina nossa sua liberdade. Se estou vivo, se sou a manifestação da minha existência, sou livre e nada irá apossar-se da minha vida. Posso sugerir ao outro sobre o que este pensa de mim, posso desmentir, bem como, posso ser o que sou. É o que afirma Sartre em *O Ser e o Nada*:

[...] assim como podemos nadificar nosso lado de fora pelo posicionamento absoluto e subjetivo de nossa liberdade; enquanto vivo, posso escapar àquilo que sou para o outro revelando a mim mesmo, pelos meus fins livremente posicionados, que eu nada sou e faço-me ser o que sou; enquanto vivo, posso desmentir o que o outro descobre em mim projetando-me de imediato rumo a fins diferentes e, em qualquer caso, revelando que minha dimensão de ser-para-mim é incomensurável com minha dimensão de ser-Para-outro. Assim, escapo sem cessar de meu lado de fora e sou sem cessar repreendido por este, sem que, 'nesse combate dúbio', a vitória pertença a um ou a outro desses modos de ser (SARTRE, 1999, p. 666).

Observa-se que, “[...] na medida em que é a nadificação sempre possível de meus possíveis, a morte está fora das minhas possibilidades, e, por conseguinte, eu não poderia esperá-la, ou seja, arremessar-se rumo a ela como se fosse rumo a uma de minhas possibilidades” (SARTRE, 1999, pp. 667-668). Contudo, enquanto houver possibilidades haverá o outro como adversário, e nesse sentido, há de se considerar,

[...] o fato da morte, sem aliar-se precisamente a qualquer dos adversários nesse mesmo combate, dá a vitória final ao ponto de vista do Outro, transportando o combate e o prêmio para outro terreno, ou seja, suprimindo de súbito um dos combatentes. [...] morrer é ser condenado a não existir a não ser pelo Outro e a ficar devendo a este seu sentido e o próprio sentido de sua vitória (SARTRE, 1999, p. 666).

Nesse sentido, como afirma Sartre, a morte não pode ser descoberta, nem esperada, nem muito menos pode se tomar qualquer atitude em relação a ela, exatamente por que ela, a morte, desarma qualquer possibilidade de espera "[...] cujo sentido é para sempre confiado a outros que não nós mesmos (SARTRE, 1999, p. 668).

5 CONCLUSÃO

Apoiando-se nas reflexões acerca da morte, elaboradas pelo filósofo antigo Epicuro (341 a. C. – 271 a. C.), e o filósofo contemporâneo Sartre (1905 – 1980) e, tomando-as em diálogo, foram propostos os seguintes caminhos para uma filosofia da morte: primeiro, colocou-se a questão da morte como problema filosófico que legitima, por assim dizer, a pergunta sobre a efemeridade da vida; segundo, a partir da perspectiva atomista-materialista de Epicuro, buscou-se “sentenciar” a morte como espera daquilo que ainda não é; terceiro, com base no existencialismo materialista de Sartre, viu-se a morte como um acontecimento da vida humana, o fenômeno último da vida, mas ainda na vida.

Tomando essas reflexões em diálogo, pode-se dizer que tanto na perspectiva de Epicuro quanto na de Sartre, a morte não existe na vida, pois, o que já foi não é, e o que será ainda não é, e quando for, não será. A morte seria então o vazio, o inaudito não ser, segredo que foi e continuará inalcançado pela palavra e pela razão. O medo da morte reside não na própria morte, uma vez que ela nada é para quem está vivo, mas no fato de ter que deixar de viver. Entretanto, o pensar a morte, temê-la como acontecimento último da vida, uma vez que não há outro lado da vida, impõe ao ser humano a tarefa comprometer-se com a vida com a consciência de torna-la eterna a cada instante, a cada presente.

Das reflexões acerca da morte em torno da filosofia de Epicuro e Sartre, pode-se dizer que, respeitadas as distâncias entre ambos, os seus pensamentos dialogam e escrevem, em última instância, não para a morte, mas para a vida. Noutras palavras, as reflexões de Epicuro e Sartre em torno na morte tocam diretamente a vida; impõe decisivamente o pensamento sobre a efemeridade da vida; supõem ignorar as pulsões de morte, e recolocar em seu lugar uma celebração intensa da vida. Não há motivos para pensar na morte, a menos que seja para investigar não as suas razões, mas as razões da vida, afinal, é a vida que tem sempre razão.

Epicuro e Sartre ajudam a compreender a vida como um movimento que tem início meio e fim. O início todo mundo sabe, o meio e o fim são incertos, são possibilidades: pode ter sido ontem, pode ser agora, pode ser daqui há dez anos. De qualquer modo, independente das possibilidades, é importante entre e além das incertezas de um futuro que jamais será nosso, colher os frutos do eterno presente, ainda que breve. Em última instância, a reflexão de Epicuro e Sartre acerca da morte não tem a última palavra sobre o assunto, mas, lança luz a essa questão-segredo que estará sempre a nossa frente, que move a existência humana e impõe à vida a tarefa de passá-la o mais agradavelmente possível.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

FERRATER MORA, J. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LAËRTIOS, D. **Vida e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. Introd. N. Trad. Mário da Gama. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SILVA, Markus Figueira da. Epicuro e a morte como perda da subjetividade. **Princípios**, Natal, a. II, n. 3, p. 140-146, jul./dez. 1995.

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. 11. ed. Rio de Janeiro: Agir. 1975.